

O ENCARCERAMENTO FEMININO

Uma história de vida de uma detenta do presídio Nilza da Silva Santos

Maria Luiza Lacerda Carvalhido

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

E-mail: mlcarvalhido@gmail.com

RESUMO

O presente artigo é um desdobramento da dissertação de mestrado em Sociologia Política apresentado à Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro no ano de 2016 e tratará da história de vida de uma detenta do presídio feminino Nilza da Silva Santos, localizado em Campos dos Goytacazes. Esse presídio é o único presídio feminino no norte e noroeste fluminense. Através da metodologia de história de vida com abordagem qualitativa, pretende-se compartilhar a experiência dessa mulher no cárcere, com a intenção de contribuir para o debate da criminalidade feminina e a visibilidade das mesmas.

Palavra-chave: história de vida; mulher; encarceramento

ABSTRACT

The article is an expansion of the master 's dissertation in Political Sociology presented to the State University of the North Fluminense Darcy Ribeiro in the year of 2016 and will deal with the life history of a female presidium Nilza da Silva Santos, located in Campos dos Goytacazes. This prison is the only female prison in the north and northwest of Rio de Janeiro. Through a methodology of life history within a qualitative approach, the aim is to share the experience of this woman in prison, with the intention of contributing to the debate about female crime and the visibility of women.

Keywords: life history; woman; incarceration

INTRODUÇÃO

Esse artigo é um desdobramento da minha dissertação de mestrado em Sociologia Política apresentada na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro no ano de 2016 e se insere num conjunto de estudos que já tem problematizado a prisão e o sistema prisional brasileiro, contudo sem ter contemplado a questão das mulheres encarceradas no Presídio Nilza da Silva Santos, localizado em Campos dos Goytacazes, no norte fluminense e suas histórias de vida. O objetivo desse artigo é estudar, especificamente, as experiências dessas mulheres no cárcere, contribuindo, assim, para o debate acerca da criminalidade feminina e visibilidade das mesmas.

O Brasil conta com uma população de 579.781 pessoas custodiadas no Sistema Penitenciário, sendo 37.380 mulheres e 542.401 homens. No período de 2000 a 2014 o aumento da população feminina foi de 567,4%, enquanto a média de crescimento masculino, no mesmo período, foi de 220,20%, refletindo, assim, a curva ascendente do encarceramento em massa de mulheres e mesmo assim o encarceramento feminino obedece a padrões de criminalidade muito distintos se comparados aos do público masculino. É importante, destacar que há uma deficiência de dados e indicadores sobre o perfil de mulheres encarceradas nos bancos de dados oficiais o que contribui para a invisibilidade dessas mulheres.

Com a intenção de dar voz a essas mulheres, a metodologia utilizada se baseia na abordagem qualitativa à luz da técnica de História de Vida. Dessa forma, trata-se das histórias de pessoas e daquilo que elas fazem, ou seja, não se trata de pessoas boas ou más, trata-se apenas de pessoas. Assim, ouvir essas mulheres encarceradas e observar seu cotidiano prisional foi essencial para interpretar as formas de vivenciar o cárcere, seus significados e estratégias de enfrentamento.

Becker (1993), diz que a história de vida não é um “dado” para a ciência social convencional, embora tenha algumas de suas características por se constituir numa tentativa de reunir material útil para a formulação de teoria sociológica geral. Por sua forma narrativa e descritiva, a história de vida compartilha com a autobiografia seu formato, seu ponto de vista na primeira pessoa e sua subjetividade. Obviamente, a história de vida não é uma ficção, mesmo que os documentos mais interessantes que utilizaram a história de vida possuam uma sensibilidade, um ritmo e uma dramaticidade que qualquer romancista adoraria conseguir.

A história de vida é utilizada, neste trabalho, como auxiliadora particularmente útil para fornecer uma visão do lado subjetivo de processos institucionais. Muito embora as teorias se interessem mais pela ação das instituições do que pela experiência

individual, elas ou presumem alguma coisa sobre a maneira como as pessoas experimentam esses processos, ou, pelo menos, levantam questões sobre a natureza desta experiência.

Corroborando, Becker (1993) diz que se a história de vida quando bem feita e conduzida pelo pesquisador, é capaz de fornecer todos os detalhes do processo analisado, onde apenas haveria a habilidade de especulação. A história de vida é capaz de descrever as interações cruciais nos quais novas fronteiras de atividade individual e coletiva são forjadas, nos quais novos aspectos do eu são trazidos à existência. Isso acarreta uma base realista, que serve para lançar luz sobre organizações e reorientar campos estagnados.

Conhecer o espaço prisional e as representações sociais desse espaço realizadas pelas próprias detentas se traduz em apreciar essas mulheres enquanto sujeitos que compõem autonomamente suas histórias, como narradores e atores principais, sendo possível, ainda, reconstruir a dinâmica das relações cotidianas travadas na unidade prisional.

A MULHER NO SISTEMA PRISIONAL BRASILEIRO

De acordo com Oliveira (2012), a criminologia que é o estudo do crime, não analisa de forma profícua os crimes de mulheres. Historicamente, os crimes praticados por mulheres foram associados a crimes movidos pela paixão; ciú-

me e vingança. Dessa forma, na lógica da ação do crime a posição da mulher foi negada uma vez que ela é considerada como incapaz para o crime.

Perruci (1983), diz que a principal questão ligada à criminalidade feminina é que os autores não diferenciam a criminalidade feminina da masculina pelo fato de que a participação feminina na criminalidade geral é proporcionalmente insignificante à masculina, além das mulheres serem discriminadas em quase todos os sentidos no plano das relações sociais concretas.

Almeida (2001) salienta que à questão da criminalidade dificulta a aceitação social da inserção da mulher no universo do crime. Quando a mulher é vista como autora de um crime, de modo geral aparece como cúmplice de homens, como aquela que maltrata crianças ou que se envolve em crimes passionais. Por muito tempo, os crimes de aborto e infanticídio (crimes ligados à maternidade) eram os únicos crimes ligados às mulheres. A maioria desses crimes nem eram identificados, pois aconteciam na esfera privada. (SOUZA, 2009).

Bahia (2012) ainda destaca que o movimento feminista marcou os estudos que discutiram violência, gênero e justiça. Esses trabalhos discutiram as práticas jurídicas como estruturas de manutenção e produção de hierarquias sociais e de gênero; debateram a vitimização das mulheres pelo Poder Judiciário e pelos seus companheiros,

e quando discutiram o fato de as mulheres serem produtoras de violência, arrolaram tais atos à autodefesa em resposta à violência sofrida.

Rinaldi (2007) citando Heilborn (1982) enfatiza que, nos campos sócio antropológico e histórico brasileiros, desde o surgimento das investigações sobre relações entre gênero e Direito, houve a tendência em abordar a mulher como vítima. Apesar de todas as mudanças ocorridas nas últimas décadas, esta imagem ainda vigora com vitalidade no imaginário social. O rompimento com tal imagem leva a mulher a ser alvo de dupla penalização: a primeira é jurídica (a mulher é igual ao homem pela natureza do delito). A segunda é moral, já que socialmente seu papel é arcar com as responsabilidades domésticas e familiares.

O encarceramento feminino compõe o processo de reprimir, encerrar e reprimir as mulheres tanto no espaço público quanto no privado. Ainda segundo, Lemgruber apud Chies (2004) a mulher presa é duplamente estigmatizada como transgressora, tanto da ordem social quanto de seu papel materno e familiar; numa sociedade que é fruto de ideologia machista e patriarcal.

Almeida (2001) salienta que as características de gênero atreladas à questão da criminalidade dificultam a aceitação social da inserção da mulher no universo do crime. A mulher, considerada anatomicamente frágil,

dada ao instinto maternal e confinada ao espaço privado da casa, não teria motivações fortes para se envolver no discurso sobre a vida pública e muito menos em problemas como a violência, portanto, seria incapaz de matar.

Foi nos últimos anos – principalmente a partir de 2006, ano em que a Lei de Drogas recrudescer, tornou-se mais rígida no que diz respeito à pena por tráfico – que o número de mulheres recrutadas para o tráfico de drogas aumentou significativamente. São elas em sua maioria, mães solteiras e pobres. (FREITAS, 2010). Segundo Soares (2002) apud Bahia (2012), certamente o novo cenário desenhado pelo alastramento do tráfico de drogas ampliou o leque e as chances, tanto para homens como mulheres de praticar infrações.

Assis e Constantino (2000) encontraram duas principais formas da inserção feminina no tráfico. Uma acontece por ser “mulher de bandido”, a qual se sujeita aos mandos masculinos e assim é iniciada pelo parceiro. Muitas das vezes na tentativa de entrar com drogas nos presídios masculinos alocadas dentro da vagina, escondidas nas roupas ou até mesmo em sacos dentro do estômago. A segunda é a entrada independente do parceiro, mas muitas vezes facilitada por parentes e amigos. A influência masculina se faz perceptível, mas não se torna um fator determinante.

Segundo Luxemburgo (2010), nesse contexto do tráfico de drogas as mulhe-

res, crianças e adolescentes são usadas como peças fundamentais para a manutenção dessa economia. Esses atores são abordados e tratados numa lógica de exploração e opressão sistemática que se constrói nas relações patriarcais. Assim, as próprias mulheres assumem a reprodução desta lógica, e realizam as piores funções da organização na economia criminal, onde são controladas e submissas aos homens, cumprindo regras e ordens masculinas de âmbito tático, comportamentais, moral, influenciando, inclusive, em determinadas condutas sexuais femininas que são, para os homens, consideradas erradas.

Ainda segundo Luxemburgo (2010), as mulheres são consideradas instrumentos, objetos e portanto estão mais sujeitas ao encarceramento, já que a cultura machista parte por desqualificar a vida das mulheres, além de, também, muitas das vezes, pela mesma motivação, se submeterem em defesa e cuidado do outro e assumirem riscos para que companheiros e filhos não sejam aprisionados.

A HISTÓRIA DE VIDA DE ANA

O presídio feminino Nilza da Silva Santos, por ser o único presídio feminino localizado no norte fluminense, na cidade de Campos dos Goytacazes, atende à Região dos Lagos e o noroeste fluminense. Possui 224 vagas e enfrenta o superlotação, assim como os outros presídios do Brasil.

Durante a realização do mestrado, obtive junto ao Centro de Estudos e Pesquisa EGP/SEAP autorização para conhecer as instalações da unidade prisional Nilza da Silva Santos, mas não obtive autorização para falar com as detentas e nem realizar registros fotográficos ou de áudio no interior da unidade.

Entretanto, nos dias de visitação, ficava no portão principal observando os familiares. É sabido que as mulheres quase não recebem visitas então a minha presença era facilmente percebida. Em um dos dias que estive lá, escutei um “*Psiu. Psiu. Moça?*”. Olhei meio desconfiada e fiz o gesto apontando para mim, como se estivesse perguntando: “*tá falando comigo?*”. A senhora balança a cabeça num gesto positivo. Essa senhora, que por questões éticas e legais chamarei de Carla, me chama e pergunta se eu estava ali para visitar alguém e como eu estava grávida, se quisesse poderia passar na frente dela. D. Carla era a primeira da fila e esse lugar é bem disputado. Nesse momento, meu universo de pesquisadora se ampliou, o primeiro contato estava estabelecido.

A minha gestação durante o trabalho de campo me proporcionou uma sensibilidade extrema às questões e situações enfrentadas pelas mulheres que estavam encarceradas e com as que usavam a tornozela de monitoramento eletrônico de pessoas. Fiquei seis meses realizando o trabalho de campo no presídio feminino Nilza da Silva Santos. E

foram muitas histórias ouvidas e compartilhadas, algumas com uma naturalidade que me impressionava.

Me aproximo da senhora e falo que não iria visitar ninguém, estava apenas observando a fila e as pessoas pois era pesquisadora e estava estudando as mulheres encarceradas. D. Carla era uma senhora negra e franzina, com os cabelos vermelhos e que estava sempre fumando. Ela não quis me falar a idade, só disse que tinha vivido muito. É aposentada e trabalha tomando conta da filha da vizinha que tem 3 anos. *“Recebo uma merreca, mas já é alguma coisa. Gente velha não consegue emprego fácil não, ainda mais se não tem estudo como eu”*.

Muito simpática, D. Carla, me conta um pouco da sua vida e o que estava fazendo naquela fila. *“Como você tá grávida, nem vou fumar aqui, pode ficar tranquila.”* Isso porque já era o segundo cigarro que ela apagava. Ela estava aguardando sua filha mais nova, que chamarei de Ana. Ana tem 33 anos é mãe de três filhos e carrega mais um em seu ventre. Foi presa por tráfico de drogas, condenada há 12 anos e 7 meses e já cumpriu mais de 05 anos da sua pena. Naquele dia, Ana estava saindo de VPF – Visitação Periódica à Família.

Depois de algum tempo conversando com a D. Carla a Ana sai. As duas nitidamente emocionadas se abraçam por algum tempo. Pergunto como elas irão para casa e como estava de car-

ro, ofereço uma carona para elas. No percurso até a casa da D. Carla, que foi longo, explico sobre a pesquisa para a Ana e isso me rendeu um convite para um café no dia seguinte.

Durante o café no dia seguinte, na copa, havia uma mesa com uma toalha com desenhos estampados na cor vermelha, com um bolo, uma garrafa de café e água. A casa estava extremamente organizada, limpa e cheirosa. Literalmente, elas haviam preparado tudo para a minha visita. Ana vestia um vestido estampado de flores e usava chinelos. A casa não era muito grande e a D. Carla e a menina que ela tomava conta estavam na sala vendo televisão.

Segui meus planos e como sempre iniciava a conversa com a mesma pergunta norteadora: O que te levou a ser presa?, com Ana não foi diferente. Ela diz que: *“Eu era muito levada e ai me envolvi e comecei a andar com gente errada. E gostava das aventuras, ficava até de madrugada na rua. E um dia um amigo pediu para mim guardar uma coisa e como eu não sei dizer não, eu fui e guardei. Até que chegou a hora que eu perdi. A casa caiu! Cai na denúncia. Alguém vazou que eu estava guardando as paradas na minha casa. Mas eu nunca fui usuária de droga não.”*

Antes de continuar pergunto a Ana se poderia gravar a nossa conversa, para que posteriormente eu não perdesse ou esquecesse alguma coisa que ela estava disposta a falar. Prontamen-

te, ela acena com a cabeça e diz que sim. Diante disso, tiro o gravador da bolsa, coloco em cima da mesa e o ligo. Toda a transcrição da conversa foi realizada e consta como acervo do diário de campo de pesquisa do mestrado.

Continuei perguntando, como foi chegar no presídio feminino e se era a primeira vez que ela estava sendo presa? *Estar dentro do presídio é horrível. É o pior que tem gente que vai e volta. Foi a minha primeira e última vez. E quando eu cheguei lá, como não conhecia, pensei que lá era o bicho. E tinha o medo de negócio de sapatão, porque o pessoal fala um monte de coisa assim, e quando cheguei lá eu vi que não tem nada haver. É só respeitar. Na minha cela tem um casal e elas até dormem na mesma cama.”*

Na minha cela tem 20 meninas e só uma que não foi condenada por tráfico, as outras 19 todas foram. Parente, é regra, tem que ficar junto na mesma cela... a única que dorme no chão sou eu... eu sou meio doida, tem dia que estou de bom humor e tem dia que não estou, ninguém tem culpa.

A noite é a pior hora... pior hora porque a gente tá preso né, não pode fazer nada, não tá livre, não tá perto da gente que a gente gosta. Tem que fazer tudo dentro do horário que eles falam. Lá é o lugar das pessoas sonsas, sabe? Dissimuladas. Você tem que saber conviver com um monte de gente falsa. O povo gosta de mim, mas não tenho amizade, amizade assim. Se você

não tem nada, eles não te dão atenção, te maltratam e destroem sua autoestima. Você vale o que tem lá dentro.

E pergunto como são os dias dentro do presídio. Ana diz que *“os dias são sempre os mesmos. Acordo e vou para a fila do banho e depois do conferir, que é quando o sinal bate e elas vão conferindo a gente - de dia ela conta e a noite ela canta o nome - eu fico aguardando o almoço para ir trabalhar. Saio do trabalho por das 18h, 18h e pouquinho, tomo banho e vou dormir.”*

Você trabalha lá dentro? O que você faz? *Eu já trabalhei fazendo tudo lá dentro: capinando, na cozinha, na cantina e agora estou no ambulatório ajudando o médico. Eu pego remédio, tiro xerox, pego prontuário... Tem dois médicos e eles estão lá terça e quinta e quarta e sexta. E aí eu trabalho nesses dias junto com as enfermeiras. Tem duas enfermeiras também. Quando acabar de tirar a cadeia, vou fazer um curso de Técnico em enfermagem... o doutor disse que levo jeito e que me ajuda a conseguir um emprego num hospital.*

Quando estou trabalhando eu tenho acesso a tudo lá dentro e todos os lugares. *‘Ana, pega um leite na cozinha, Ana vai lá na galeria e pega um papel...’ e por aí vai. Quando não tem ninguém para trabalhar e eu puder ajudar, igual foi agora na páscoa, saiu todo mundo e aí não tinha ninguém para ficar na cozinha e nem na bolsa. Nessa época eu estava na cantina ainda.*

Depois das dez horas da noite, você não pode falar de cela para cela, dentro da própria cela pode, mas tem que ser baixinho. Quase não usa mais a libras para falar lá dentro e eu demorei muito para aprender a falar em libras. Aquele negócio não é fácil não e são as próprias presas que ensinam. Elas falavam pra mim os palavrões e depois eu dividia em sílabas e conseguia falar uma ou outra palavra. Mas aprendi primeiro a falar palavrão para depois ir aprender as outras palavras. Mas nunca fui de ficar em grade gritando, fazendo bagunça... sigo o seguinte ditado quem não é visto não é lembrado, já basta o que eles me veem durante o dia quando estou trabalhando. A noite, depois do trabalho eu já entro pra cela caindo de sono, então eu vou deite e durmo e não fico caçando fofoca, e nem saber o que está acontecendo.

Ana entendia o trabalho como uma forma de ocupar o tempo, sair um pouco da cela e da rotina do presídio. Dessa forma o trabalho apresentava oportunidades e regalias que as outras detentas não desfrutavam. Sem contar que o trabalho oferece a oportunidade de remissão de pena.

Na minha cela tinha televisão, rádio e umas 20 mulheres. Todas dormem em suas comarcas. As comarcas são camas só eu que durmo no chão. Tem muita gente que não tem visita nenhuma e sobrevive com o que o Estado dá e com ajuda das coleguinhas. A gente dividi papel higiênico, pasta de dente, absorvente, sa-

bonete. E agora lá está sem doação, com pouca... antigamente tinha mais doação. Desde quando eu entrei as coisas só pioraram. Se não tiver dinheiro e visita fica a mercê do Estado e isso quer dizer, fica abandonada e sozinha. Teve uma vez eu ainda estava no fechado, teve uma lá que não tinha visita nenhuma mesmo e que foi ao banheiro e como não tinha papel higiênico, ela pegou uma blusa e foi se limpar com isso. Ai quando eu vi, ainda trabalhava na custódia eu fui falei com a encarregada e toda semana ela separava o papel higiênico para ela. O que acontece muito lá e que eu acho errado é que tem que ter consciência, se você tem visita deixa para quem não tem visita nenhuma, porque esse pessoal não tem da onde tirar mesmo.

Luxemburgo (2010) nos diz que o Estado Penal ainda pune as mulheres amontoando-as nas prisões sem se atentar minimamente para condições pertinentes às questões de gênero. São mulheres aprisionadas em instituições e organizações internas essencialmente masculinas, que sofrem com a falta de cuidados e atendimentos especiais por serem mulheres, como o direito à visita íntima, o cuidado às gestantes, a questão da saúde específica e a falta de distribuição adequada de produtos de higiene pessoal (absorventes, papéis higiênicos em quantidade maior que a recebida pelos homens detidos, e etc.).

Continuo e pergunto: Ana o que é bolsa? Me explica o que significa traba-

lhar na bolsa? *Bolsa é quando a família vem e trás a sucata, aí a gente carrega para a custódia. A sucata é comida, roupa, dinheiro, tudo que a família trás para a presa no dia da visita. Custódia é o lugar onde colocamos as coisas que chegam com a visita e que vão ficar para as presas. Aí eu e mais duas ficava na cozinha, ajudava lá e na cantina. Ai eu acho que se a gente ajudar vai ser ajudado também, não adianta ficar lá dentro e ser rebelde. Eu penso assim, ninguém tem culpa de eu estar lá dentro, a grande culpada sou eu, então eu não tenho que maltratar funcionários e nem ninguém e trato todos com respeito e assim elas me tratam com respeito também.*

Me fala sobre a cantina e cozinha. Como funcionam lá no Nilza? *A comida é horrível. Sempre vem alguma coisa estragada. Quando funcionava a cozinha, que era só para as funcionárias, eu trabalhava fazendo comida e como trabalhava lá almoçava lá mesmo. E na época, para não jogar fora, a direção deixava dar para as meninas que iam trabalhar na obra. Só comi bem lá dentro quando trabalhei na cozinha. Agora a comida é terceirizada e vem de brilhante. Brilhante é quentinha. Quando era a panelona era melhor, mas agora de brilhante é muito ruim, horrível. Vem comida estragada de verdade e é bem comum isso acontecer.*

A cantina é um lugar onde você pode comprar de tudo. Tem de tudo na cantina. Ela trás a comida de fora. Já

vem tudo pronto. Agora a gente pode pegar na custódia R\$ 80.00 de 15 em 15 dias e isso não dá para nada porque a cantina vende as coisas muita caro. Um frango é R\$20.00, um refrigerante de 600ml R\$6.00, uma lasanha R\$17.00... e quando você ver já gastou mais de R\$80.00 e já tá devendo. A pior coisa que você pode fazer dentro de um presídio é ficar devendo, e aí não importa se é devendo a cantina ou à alguém.

Eu conheci uma menina, nem era muito nova, mas tinha pouco tempo que tava no Nilza. Ela tinha visita sempre e sempre tinha grana. Até que um dia as visitas foram diminuindo e a menina acabou. Não saia da cela pra nada. Toda semana ela tava no ambulatório pedindo remédio para dormir. E lá o doutor autoriza a quem quiser tomar remédio para dormir e a farmácia tem o remédio para dar. Rum, essa menina assim como muitas outras, ficou viciada em remédio para dormir. Quando acabava o remédio da farmácia, ela fica tão doida que já chegou a quebrar tudo dentro da cela. Então, quando precisava ela comprava das outras colegas que já sabiam que tinha uma galera viciada nessa parada. Elas faziam um dinheiro lá dentro pra ter o luxo... beber água gelada, fazer cabelo, comer comida diferente, biscoito recheado... E essa menina ficou devendo uma grana alta para outra lá que era a 'rainha' dos remédios. Ela não tinha como pagar, então trabalhava pra ela. Lavava a roupa dela, limpava a

cela dela, e então num dia de confere as agentes encontraram um celular na cela delas, quem teve que assumir? A doida viciada em remédio que tava devendo. Com isso ela deve ter umas sete faltas graves e isso só atrasa a saída dela. Eu fico com pena, mas lá dentro é cada um na sua. Chamei para conversar, tento explicar e tal...mas elas não ouvem. Se acham tudo bicho solto, mas não veem um palmo na frente do nariz.

Nesse momento, percebo que dentro do presídio feminino Nilza da Silva Santos, as meninas estão mais suscetíveis a problemas emocionais e isso ocasiona um tráfico de drogas lícitas. São medicamentos, considerados de uso controlado pela Anvisa, e que elas tem acesso de forma indiscriminadamente dentro da unidade prisional, basta informar ou se queixar com o profissional da saúde que possui dificuldades para dormir.

Diante dessa constatação, continuo perguntando como é lá dentro e sobre as visitas. *Mulher é um bicho errado desde quando nasce. Eu falo muito e todo mundo me conhece lá dentro... eu sei todos os crimes que elas cometeram, quanto tempo de cadeia vão ter que tirar e tudo mais. Mas fico na minha, não fico de levo e trás e não aceito que ninguém mande em mim. Eu tenho a visita da minha mãe desde que entrei, mas tem gente que nunca tem visita e isso é muito triste. Então, quando tô de boa eu convido essas colegas para ficar comigo*

e minha mãe na visita e acabo dividindo a comida com elas. Porque mãe também é um negócio complicado... faz tudo que gostamos de comer e leva na visita. Tudo que nunca fez por nós aqui fora faz quando tamo preso. Agradeço muito a minha mãe por tudo que ela fez e ainda faz por mim. Sabe, eu tenho três filhos e um deles mora aqui com minha mãe e é ela quem sustenta ele. Ele tem dez anos e é um rapaz. Tenho muito medo dele se envolver com as pessoas erradas, e sempre falo para ele como é ficar lá dentro... pra fazer terror mesmo.

Ele também já foi me visitar algumas vezes com minha mãe. Mas num dia, a D. Márcia, que era diretora, ela gostava muito de mim, me chamou num canto e me deu uma lição que nunca mais esqueci. Ela falou na moral, sem gritar, apontar dedo, e disse que cadeia não é lugar de criança. Ela bateu o papo reto e olho no olho. Que a criança precisa conviver num ambiente ideal para ela, e ali não tinha nada de ideal para uma criança. Ver a mãe naquela situação não era uma coisa boa para ele. Eu fiquei pensando muito no que ela disse, e depois daquele dia pedi a minha mãe para não levar ele mais. Com o tempo a criança vai acostumando com aquilo e acha normal e muitos começam no crime falando ‘ ah eu quero ir pra lá, minha mãe estava lá... lá deve ser bom’. Então eu parei para pensar e concordei com ela. Lá não é bom para crianças. E tem um monte que vai desde pequenininha e aí já acostuma com

aquele lugar. Desde quando ela falou eu gravei as palavras na minha mente. Ela era rígida mas muita coisa que ela falou e fez era para nosso bem mesmo. A atual diretora é boa também, ela é mais quieta, na dela assim, mas tudo pra ela tá bom, não implica com ninguém e acho que a gente lá dentro tem que ter um pouquinho de rigidez se não fica muito bom e aí vai ter gente que vai ficar voltando como muitas voltam. Choro e sofro todos os dias por isso, mas vai ser melhor para ele. Até porque ele tem um probleminha e toma remédio controlado para os nervos.

A principal característica das mulheres encarceradas é a total preocupação com a família que fica aqui fora. Elas se sentem responsáveis pela manutenção dos vínculos afetivos e de fato, isso é uma imposição social, elas são compreendidas como as gestoras das relações e mantenedora dessas relações familiares. Pensar nas carências afetivas das presas nos leva a contextualizar a família no espaço de existência dessas mulheres, e quando elas se deslocam desse local, desse universo privado da família restam poucas opções de núcleo familiar. A família representa um importante elo com o mundo exterior, concretizado através das visitas semanais.

As visitas de familiares acabam se tornando exceções nos presídios femininos e a presa que recebe visita goza de certo status dentro do presídio, não apenas pela questão afetiva, mas tam-

bém pelo fato de receberem artigos de necessidade pessoal como shampoo, condicionador, sabonete, pasta de dente, absorvente, papel higiênico, biscoitos, e etc. Pode parecer pouco significativo mas esses itens são raros, caros e cobiçados. (Azevedo, 2010).

Azevedo (2010), ainda informa que durante as visitas os familiares costumam trazer refeições para as presas e esse tipo de refeição tem grande significado pois foi preparado pela visita, o que possibilita a reprodução do ambiente familiar.

Quando a gente começa a sair de VPF, a gente se sente mais aliviado porque fica mais fácil, a família não precisa voltar lá para deixar as coisas. Quem está de VPF não tem visita mais e a maioria que está também opina para não ter visita, a gente vai em casa. Então, eles não precisam ficar voltando. Às vezes muitos deles entram chorando, passa humilhação lá dentro, as agentes pintam com a família, então é constrangedor.

Agora melhorou um pouco que não precisa mais tirar a roupa, passa pela porta de detector de metais. Para gente é melhor e pra família também, porque o que mais incomoda é a família entrar chorando. A família vai lá pra visitar a gente e não para isso.

Sobre meus outros filhos, tenho duas meninas, uma com 17 anos e outra com 15. A mais velha mora com os avós paternos e a mais nova mora com minha irmã e elas nem me chamam de mãe, mas sabem que eu sou a mãe delas.

Quando fui presa, minha irmã disse que cuidaria da mais nova e cuida até hoje. A mais velha já morava com os avós paternos mesmo antes de eu ser presa. E o menino ficou com minha mãe. Elas tem de tudo, não que minha irmã e ex sogra, sejam ricas, mas tem uma condição financeira boa... mês passado minha irmã fez até festinha de 15 anos para a mais nova. Eu já sei que elas nunca mais morarão comigo e no fundo acho justo, eu não convivi com elas. Eu perdi grande parte da vida delas... Meu menino mora aqui com a minha mãe, como já te disse. E esse aqui que tô levando na barriga, vai morar comigo e o pai dele. Espero dessa vez poder fazer diferente.

E esse seu filho, me fala do pai dele. Então, tenho até meio que vergonha de falar...rs. Ele tá preso. Eu conheci ele por carta. Tinha uma colega que estava trocando carta com um cara que dividia a cela com ele, e num dia ela falou de mim na carta para o namorado dela e que era para ele arrumar alguém para mim lá. E aí ele, o meu marido, me escreveu. Gostei do jeito que ele falou e escreveu e eu não queria me envolver com ninguém, tinha preconceito mesmo de me relacionar com um preso e não queria compromisso com ninguém. Mas ele me conquistou. E depois de um tempo eu comecei a fazer parlatório com ele. Eu saía do presídio feminino e ia para o masculino e numa dessas a camisinha furou e eu fiquei grávida. Eu não queria outro filho, Deus me livre! Mas não pos-

so tirar também, então vou cuidar desse aqui. E dessa vez, vamos né?!

Foi engraçado como descobri que estava grávida. Estava trabalhando num dia de campanha de vacinação da gripe e tava muito calor. Muito calor mesmo... e depois de ter ficado o dia todo em pé, o médico olhou para mim e disse que eu tava pálida e se estava tudo bem. Depois não lembro de mais nada, acordei no hospital com um monte de gente falando... e a agente F. que era minha amiga e tava fazendo minha escolta, veio correndo, rindo, me abraçando e dizendo que seria a madrinha. Eu já tava perdida, fiquei mais ainda. 'Como assim? Me explica isso.... eu não posso estar grávida!'. E realmente estava. Fiquei em estado de choque. Eu não conseguia rir, chorar, não tinha reação. Só pensava na minha vida com uma criança pequena e dentro do presídio. Ia ter que ir para Bangu e ficar longe de todas colegas, da minha mãe...enfim, passou um filme na minha cabeça.

Naquele mesmo dia fiz uma ultrassonografia e tava tudo bem com o bebê. Recebi alta e algumas recomendações médicas... quando voltei para o presídio, a agente F. tinha contado para todas as agentes e elas estavam me esperando, todas com pacotes de fraldas. Foi muito emocionante à volta para o presídio e depois dessa recepção me acostumei com a ideia.

Agora seria o pior, contar para o pai. Tinha medo dele me largar por isso, mas

liguei para ele e dei a notícia e ele ficou mais feliz do que eu imaginava e bem mais do que eu. Ele é uma pessoa boa, ele fez curso de cabelereiro lá dentro, e ele corta o cabelo de geral, de presos até o diretor. Ele saiu gritando na galeria que ia ser pai, é o primeiro filho dele. E como ele não quer mais saber de tráfico, ele tá juntando uma grana para quando sair montar um salão para gente trabalhar e poder criar nosso filho.

Pergunto do pai dos outros filhos e me surpreendo com a história. *Eu sempre fui meio doida, mas era moça direita, para casar. Minha mãe sempre cuidou de mim e da minha irmã...mas eu era mais rebelde e não seguia muito o que minha mãe falava. Eu vivia na rua com as amizades que não prestavam, e tinha esse rapaz, que era nosso vizinho. Ele sempre me olhava muito e um dia ele resolveu me chamar para conversar. Eu aceitei... e desde aquele dia nós começamos a namorar. Ele era mais velho do que eu. Casamos quatro meses depois. A mãe dele não gostava de mim porque eu sou pobre e preta. Ele era branco, dos olhos claros, todo bonito e a família dele era a única do bairro que tinha carro. A mãe dele achava que eu estava com ele por causa do dinheiro. Eu tinha nem 16 anos. Mas casamos e fomos morar no nosso canto... ele nunca tinha mexido com nada errado. Era uma pessoa do bem e totalmente limpo. Trabalhava numa padaria, era padeiro, saía de casa todos os dias às 04h da manhã e eu fi-*

cava em casa, tomando conta de tudo. Depois de alguns meses eu tava grávida. Minha filha nasceu e a mãe dele não deixou ela sequer morar comigo, do hospital ela já levou para casa dela e eu só ia lá dar mamar a menina e pronto. Isso fez com que nós brigasse muito, eu, meu ex-marido e minha ex sogra.

Até que para tentar acalmar a situação, fiquei grávida denovo. E quando essa minha filha nasceu, a mais nova, só porque ela é preta, aquela bandida, sem caráter, racista não quis pegar para criar. Isso acabou comigo... e com meu marido também que não suportou e se matou. Se atirou na frente de uma carreta e morreu na hora. Isso foi quando minha filha já tinha quase dois aninhos.

Fiquei sem rumo com a morte dele. Não sabia o que fazer, aí voltei para casa da minha mãe. Ela me recebeu junto com minha filha. E depois de alguns dias descobri que estava grávida do meu filho. Ficamos com ela até que eu caí e tive que tirar cadeia. Lá dentro não é lugar para ninguém. Sofremos muito lá, somos tratados com descaso, e ódio. Tem até umas agentes que são gente boa, mas mesmo assim, tem dias que tá todo mundo com a macaca e tudo fica loucura lá dentro. Não vejo a hora de acabar e sair limpa... tô pagando por tudo que fiz, ter guardado umas paradas para uma pessoa que se dizia meu amigo.

Nossa conversa durou em torno de três horas e Ana me contou sua história de vida. Retornei à casa de Ana

mais quatro vezes para falar com ela; a acompanhei em uma consulta do pré-natal; entrevistei D. Carla; conversei com os filhos de Ana; conversei com os vizinhos de Ana e quando percebi que estava no momento ideal, me despedi da família de Ana e dela. Esse momento foi o nascimento do bebê, que vinha ao mundo com a missão de “consertar” a vida da mãe. O pai do bebê ainda estava preso, mas Ana estava em liberdade condicional.

Soares e Ilgenfritz (2002) diz que entre os projetos para o futuro, as detentas buscam um trabalho, cuidar dos filhos, retomar os vínculos afetivos e familiares, estudar, mudar de casa e bairro, sair do mundo das drogas, casar e servir a Deus. Elas sabem que não será fácil o retorno à sociedade, mas o futuro as deixa confiantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sistema prisional feminino é permeado por várias especificidades e mesmo com um aumento da presença da mulher na criminalidade as mesmas ainda estão vivendo numa invisibilidade enorme. Entretanto, é necessário que a criminologia feminina realize estudos constantes para mostrar e trazer para o debate a realidade enfrentada por essas mulheres.

Essas mulheres que estão encarceradas sofrem uma dupla penalização. A primeira porque transgrediram a ordem jurídica e estão presas e a outra

porque transgrediram a ordem social, ou seja, deixaram seus filhos, maridos, casas, e foram para a criminalidade. Ainda é muito difícil a sociedade compreender o que leva uma mulher a cometer um crime e mais difícil ainda é a sociedade conceber uma mulher criminosa, afinal elas nasceram para assumir o seu papel de frágil, intocada, submissa e cuidadora da família.

No contexto do presídio feminino Nilza da Silva Santos, em Campos dos Goytacazes, cidade do norte fluminense, encontra-se mulheres de várias localidades que, em sua maioria, adentraram no sistema prisional devido ao recrudescimento da política de combate ao tráfico de drogas. Essas mulheres, em sua maioria, não recebem visitas de familiares, ou porque é muito longe e caro viajar até a cidade para fazer a visita ou porque os familiares não desejam ser associados a uma mulher criminosa.

A dura realidade enfrentada por essas mulheres no cárcere e a falta de visita no presídio feminino Nilza da Silva Santos suscita um comércio ilícito de drogas lícitas. É certo, que para passar o tempo ocioso durante o cumprimento de pena muitas mulheres encontram nos medicamentos uma possibilidade de sentirem os dias e conseqüentemente o tempo passar mais rápido. Esse comércio ilícito de drogas lícitas é sabido por todos os envolvidos no cumprimento de pena desde o médico que fornece o medicamento até a direção da unidade.

Dessa forma, as representações que as mulheres fazem do presídio, que a princípio é um ambiente hostil e desconhecido, é uma tentativa de aproximá-las das suas casas. Ou seja, elas tendem a arrumar, limpar, decorar, as celas como se fossem literalmente a casa delas. Essa representação é entendida por muitos autores da criminalidade feminina como a mais importante, pois é a aceitação daquele ambiente como sendo delas.

Ainda nesse sentido, as mulheres fazem representações ambíguas do ambiente prisional, pois quando retratam que não possuem amigos de verdade, elas falam que tem pessoas que gostam delas, que elas entendem como amigos. Quando retratam o tratamento das agentes, que muitas das vezes é entendido como legal, tranquilo em outros momentos é entendido como cruel, desumano. Ao mesmo tempo que desejam ter certa liberdade querem que a direção seja mais rígida com a intenção de mostrar que lá dentro não é um lugar bom e dessa forma, as mulheres não alimentarem o desejo de retorno para o sistema prisional.

É certo que muito estudo e discussão sobre a criminalidade feminina ainda precisa ser realizado. Dessa forma, espero que esse artigo contribua e minha discussão não se encerra aqui. Todo o material coletado durante a pesquisa de campo do mestrado e não utilizado será útil no momento do doutorado e em trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosemary de Oliveira. Mulheres que matam: Universo imaginário do crime feminino. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. UFRJ: Núcleo de Antropologia da política.

ASSIS, Simone Gonçalves de; CONSTANTINO, Patrícia. Filhas do mundo: infração juvenil no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n1/a08v10n1>>. Acesso em: 21 mar. 2015.

AZEVEDO, Maria Helena Petrucchi Rangel de. Controle e resistência em uma penitenciária feminina: o caso do Talavera Bruce. 2010. 238 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

BAHIA, Joana. Estrangeiras na prisão: o cotidiano das mulheres presas no Brasil. *Sociedad y Discurso: Universidad de Aalborg, Dinamarca*, v. 23, p.60-77, 2012. ISSN 1601-1686.

BECKER, Howard - A história de vida e o mosaico científico, Métodos de pesquisa em ciências sociais, São Paulo: Hucitec, 1993, p. 101-116.

CENTRO PELA JUSTIÇA E PELO DIREITO INTERNACIONAL (Brasil). Relatório sobre mulheres encarceradas. 2007. Disponível em: <http://www.ajd.org.br/noticias_ver.php?idConteudo=681>. Acesso em: 10 mar. 2015.

CHIES, Luiz Antônio Bogo. Cemitério dos vivos: análise sociológica de

uma prisão de mulheres: LEMBRUGER, Julita. 2º ed., Rio de Janeiro: Forense, 1999. Sociologias, Porto Alegre, v. 13, n. 7, p.338-345, jan/jun 2005.

FREITAS, Carolina. Guerra às drogas. O sexo obscurizado nos processos de criminalização da pobreza. [S.l]: PUCVIVA, 2010. Ano 11, n. 39.

LUXEMBURGO, Rosa . O Estado Patriarcal e o Estado Penal: filhos do mesmo homem. [S.l.]: PUCVIVA, 2010. Ano 11. n. 39.

PERRUCCI, M. F. A. Mulheres encarceradas. São Paulo: Global, 1983.

OLIVEIRA, Rayane Noronha. Mulheres, crime e sexualidade. Brasília: Universidade de Brasília, 2012. Pesquisa do Programa de Iniciação Científica CNPq - ProIC/DDP/UnB.

RINALDI, Alessandra de Andrade. Violência e gênero – A construção da mulher como vítima e seus reflexos no Poder Judiciário: a lei Maria da Penha como um caso exemplar. 2007. Disponível em: <http://www.estacio.br/publicacoes/direitovivo/pdf/Artigo_Menezes.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2015.

SOARES, Bárbara Musumeci; ILGENFRITZ, Iara. Prisioneiras vida e violência atrás das grades. Rio de Janeiro: Garamond Ltda, 2002. 152 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Prisioneiras.html?hl=pt-BR&id=dCnqIBT_Ml0C>.

SOUZA, Kátia Ovídia José de. A pouca visibilidade da mulher no tráfico de drogas. Psicologia em Estudo, Ma-

ringá, v. 14, n. 4, p.649-657, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287122129005>>. Acesso em: 21 mar. 2015. Acesso em: 21 mar. 2015.

Maria Luiza Lacerda Carvalhido

Bacharel em Direito, licenciada em Sociologia, mestre em Sociologia Política, especialista em Direito Constitucional aplicado com capacitação para o magistério superior, especialista em Planejamento, Implementação, Gestão da Educação a distância, especialista em Docência do Ensino Superior.